COMPETÊNCIAS E HABILIDADES CAMINHAM NA MESMA DIREÇÃO NOS ASPECTOS ESCOLARES

CLAUDINEIDE BATISTA DOS SANTOS

RESUMO
A sociedade do século XXI em seu processo de globalização faz com que haja de maneira significativa uma reestruturação no processo de ensino- aprendizagem na sua forma didático- pedagógico, uma vez que há uma dinâmica contemporânea fundamentada em novos caminhos e visão para a educação, onde a competência e a habilidade estejam interligadas com as novas formas dos saberes. Esse artigo tem por objetivo realizar uma revisão dos conceitos de competência e habilidade, considerando as suas variações e especificidades diante da visão dos autores referenciados.Revisitar os conceitos de competência e de habilidade de Perrenoud, Antunes, Ropé e Tanguy identificados com alguns documentos oficiais que permeiam o tema, bem como observamos algumas dificuldades de sua implementação na educação básica relacionada à formação dos professores, à cultura pedagógica e ao currículo, causando um certo distanciamento entre o educador e as novas articulações para um ensino mais produtivo e significativo para os educandos.

Palavra-chave: Formação de professores, competências e habilidades.

ABSTRACT
The 21st century society in its process of globalization means that there is a significant restructuring in the teaching-learning process in its didactic-pedagogical form, since there is a contemporary dynamic based on new paths and vision for education, where Competence and skill are intertwined with the new forms of knowledge. This article aims to review the concepts of competence and ability, considering their variations and specificities in view of the referenced authors. To review the concepts of competence and ability of Perrenoud, Antunes, Ropé and Tanguy identified with some official documents that permeate the theme, as well as some difficulties of its implementation in basic education related to teacher training, pedagogical culture and curriculum, Causing a certain distance between the educator and the new articulations for a more productive and meaningful teaching for learners.

Key words: Teacher training, skills and abilities.

INTRODUÇÃO

A educação em todo seu processo vem estruturando- se em suas ações que permeiam em torno da importância da concepção do sujeito para resolver situações problemas do cotidiano, porém levando em conta o desenvolvimento de estratégias e meios para que esses sejam resolvidos de formas variadas, envolvendo graus de complexidade diversificadas.

Essas situações problemas auxiliam aos educandos a desenvolver e ampliar suas habilidades e competências no que diz respeito a ações variadas em seu cotidiano.

" Se esse aprendizado não for associado a uma ou mais práticas sociais, suscetíveis de ter um sentido para os alunos, será rapidamente esquecido, considerado como um dos obstáculos a serem vencidos para conseguir um diploma, e não como uma competência a ser assimilada para dominar situações da vida " (PERRENOUD,1999).

Podemos compreender que a competência não é um uso estático de regras aprendidas, mas uma capacidade de lançar mão dos mais variados recursos, de forma criativa e inovadora, no momento e do modo necessário.

Os conceitos de habilidades e competências, no âmbito educacional, estão presentes em diversos documentos brasileiros. Entre eles encontram-se os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997) e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCNEM (BRASIL, 2000). Também são destacados em avaliações nacionais como o Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB (BRASIL, 2008) e Provinha Brasil (BRASIL, 2011).

Enquanto educadores fecham –se para com-

preender que o novo está na escola e que isso deve ser bem resolvido e trabalhado para que haja um melhor desenvolvimento cognitivo entre os educandos.

Estudiosos compreendem o conceito de competência, de acordo com Perrenoud (1999), surgiu para atender uma demanda do campo profissional e depois migrou para o campo educacional. Conforme Zabala e Arnau (2010), essa disseminação ocorreu de forma acelerada e causou opiniões a favor e contra no que diz respeito ao uso de habilidades e competências nas instituições escolares, pois passou a ser utilizada nesse âmbito com o intuito de sobrepujar o ensino baseado apenas na memorização. Situações-problema são desafios que surgem durante a caminhada do aluno. Segundo Macedo (2005a), os problemas estão acima dos exercícios, pois exercícios podem ser apenas repetições e situações-problema envolvem o planejamento, a tomada de decisão, a análise do contexto, além do desenvolvimento de habilidades e competências. Para o autor, problema “é aquilo que se enfrenta e cuja solução, já conhecida ou incorporada, não é suficiente, ao menos como conteúdo. ” (MACEDO, 2005a, p. 15).

Como muito bem coloca Perrenoud (1999), não existe uma noção clara e partilhada das competências. Mais do que definir, convém conceituar por diferentes ângulos.

Poderíamos dizer que uma competência permite mobilizar conhecimentos a fim de se enfrentar uma determinada situação. Destacamos aqui o termo mobilizar. A competência não é o uso estático de regrinhas aprendidas, mas uma capacidade de lançar mão dos mais variados recursos, de forma criativa e inovadora, no momento e do modo necessário.

A competência faz com que haja uma certa interação entre educador- educando e aprendizagem para que tenha um elo significativo para seu desenvolvimento dentro desse processo, no qual, todos devem estar inseridos.

A competência abarca, portanto, um conjunto de coisas. Perrenoud fala de esquemas, em um sentido muito próprio. Seguindo a concepção piagetiana, o esquema é uma estrutura invariante de uma operação ou de uma ação. Não está, entretanto, condenado a uma repetição idêntica, mas pode sofrer acomodações, dependendo da situação.

O conceito de habilidade também varia de autor para autor. Em geral, as habilidades são consideradas como algo menos amplo do que as competências. Assim, a competência estaria constituída por várias habilidades. Entretanto, uma habilidade não "pertence" a determinada competência, uma vez que uma mesma habilidade pode contribuir para competências diferentes.

Aproximações com os conceitos de competência e a habilidade. Segundo o dicionário da língua portuguesa, o termo competência é a “Capacidade decorrente de profundo conhecimento que alguém tem sobre um assunto” . Poderíamos então dizer que competência é a capacidade de usar nossas inteligências, nossos pensamentos, memória e outros recursos mentais para realizar com eficiência uma tarefa desejada.

Competência é a operacionalização da inteligência, e a forma concreta e prática de colocá-la em ação. Quando trabalhamos com as diferentes inteligências humanas, podemos ativar diferentes competências. Para vários autores, muitas definições são dadas ao termo competência, tais como faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações, etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações. Estão ligadas a contextos culturais, profissionais e condições sociais. (PERRENOUD, 1999).

Esta capacidade estaria entrelaçada às práticas sociais, portanto a escola, que tem seu currículo norteado pelas competências, precisa estar disponível a preparar cada estudante para atuar na sociedade. Trabalhar com competências não é virar as costas aos conteúdos e sim mudar o foco. Ao invés de memorização de conteúdos, o aluno irá exercitar suas habilidades que o levarão a novas competências.

As competências elementares evocadas não deixam de ter relação com os programas escolares e com os saberes disciplinares, ao contrário, elas exigem noções e conhecimentos matemáticos, geográficos, biológicos e etc. supõem um domínio da língua e das operações; apelam para uma forma

de cultura geral que também se adquire na escola. Mesmo quando a escolaridade não é organizada para desenvolver tais competências, ela permite a apropriação de alguns dos conhecimentos necessários.

Percebemos que há uma parte das competências que se desenvolve fora da escola e apela para saberes escolares, portanto, não há contradição entre os programas escolares e as competências. Ser competente diz respeito ao saber fazer, ou melhor, aplicar, utilizar determinado recurso.

Competência é o conjunto de conhecimentos, qualidades, capacidades e aptidões que habilitam para a discussão, a consulta, a decisão de tudo o que concerne a um ofício, supondo conhecimentos teóricos fundamentados, acompanhados das qualidades e da capacidade que permitem executar as decisões sugeridas. (TANGUY, 1997). Digamos aqui que as competências são requeridas na vida cotidiana, no fazer diário, nas práticas associacionistas, que nos levam a um saber fazer, saber agir, saber conviver.

Nos documentos oficiais do ENEM, vimos mais uma denominação para o termo competência: Modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre os objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do "saber fazer", através das ações e operações as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se, possibilitando nova organização das competências (BRASIL, 2000, p.8).

Esse saber fazer já nos diz respeito à aplicabilidade e à contextualização dos afazeres, à mobilização de coisas, isto é, um aluno capaz de utilizar seus recursos de forma ativa, sabendo elencar meios para solucionar problemas. O acúmulo de saberes descontextualizados não serve realmente senão àqueles que tiverem o privilégio de aprofundá-los durante longos estudos ou uma formação profissional, contextualizando alguns deles e se exercitando para utilizá-los na tomada de decisões.

Alguns professores ainda se sentem fora da zona de conforto com a abordagem por competência, por permanecerem com uma prática cristalizada ou por estarem despreparados para atuarem neste novo mundo do trabalho. Porém, a escola precisa preparar jovens competentes, sendo este requisito básico para viver no século XXI. Novamente, utilizaremos como exemplo os documentos oficiais:

[...] competências são as modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do 'saber fazer'.

Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se, possibilitando nova reorganização das competências (BRASIL. 2000, p.5).

Segundo o relato deste documento, acreditamos que seria interessante destacar que uma competência leva à utilização de várias habilidades e as habilidades articulam se em uma nova competência. Seria então um ciclo, quanto mais competente, mais habilidade estaria utilizando e a cada nova habilidade utilizada mais uma competência serie elencada. Também o documento sinaliza que as "competências" antecedem as "habilidades", ou seja, é preciso que o sujeito construa competências (representações que permitem integrar conceitos) para conseguir resolver problemas.

No que diz respeito à habilidade, vimos sua definição no dicionário como: qualidade de hábil; capacidade, destreza; agilidade. 5 Poderíamos, então, dizer que a habilidade diz respeito a uma capacidade adquirida, ou seja, saber fazer alguma coisa. As habilidades devem ser desenvolvidas na busca de uma competência. Celso Antunes utiliza o termo habilidades como: "Filha específica da competência" (ANTUNES, 2001, p.18). Não há como diferenciar de forma precisa os termos competência e habilidade, pois em determinadas situações ou, isoladamente, uma habilidade pode ser uma competência a ser desenvolvida. "Competência é uma habilidade de ordem geral, enquanto a habilidade é uma competência de ordem particular, específica" (BRASIL, 2005, p. 58).

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES: O QUE SÃO?

A Matriz de Habilidades e Competências da Prova Brasil (BRASIL, 2008, p.18) define que: "Habilidades referem-se ao plano objetivo e prático do saber fazer e decorrem, diretamente, das competências adquiridas que se transformam em habilidades".

Os documentos oficiais do Ministério de Educação e Cultura sinalizam algumas competências essenciais:

Dominar leitura/escrita e outras linguagens; Fazer cálculos e resolver problemas; Analisar, sintetizar e interpretar dados, fatos situações; Compreender o seu entorno social e atuar sobre ele Reconhecer criticamente os meios de comunicação; Localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada; Planejar, trabalhar e decidir em grupo (BRASIL, 2005).

Diante deste novo paradigma, não podemos olhar mais a educação como meramente repetição. Há a urgente necessidade de repensar a prática docente, onde os conteúdos precisam ter caráter pluralista, diverso, flexível, processual, ou seja, interdisciplinar e contextualizado, onde o aluno possa viver situações-problema que geram conflitos, dinamismos, ações mentais, aplicação, análise, síntese e avaliação. Dessa forma, é possível afirmar que a colaboração em grupo, direciona para as considerações das estratégias e que o erro seja recolocado como fundo na ótica da construção de outras competências. Frente a essas considerações, os professores necessitam assumir nova postura de constante investigação de forma a utilizar os recursos didático-pedagógicos de maneira que possam contribuir mais significativamente para os processos de construção de conhecimento dos estudantes. Rever suas práticas, trabalhar com projetos, não ser tão "especialista", lembrando que está formando um ser humano integral, ouvir as resistências dos alunos, estar aberto aos debates, saber que está preparando um indivíduo para atuar na sociedade. Portanto ele precisa utilizar seus conhecimentos nas práticas sociais, não somente para decodificar algumas, mas, sim, para aplicar no dia a dia o que aprendeu na escola.

NOVOS TEMPOS

Nas últimas décadas, a globalização e as tecnologias digitais passaram a exercer nos indivíduos um encantamento como se a partir delas todas as portas se abrissem e um mundo de benesses estaria ao alcance de todos. Com a internet, viabilizando o acesso ilimitado a informações e conhecimentos, teríamos o remédio para todos os males e a chave para os mistérios do mundo.

No entanto, esta magia não atende a todas as necessidades e demandas que afetam sobremaneira a condição de parcela significativa da população. Na prática, aos que conseguem estar na vanguarda lhes é facilitado o acesso às tecnologias de ponta e ao conhecimento; aos demais, restam-lhe a limitação de acesso e os entraves, a ponto de ser excluídos, permanecendo à margem de reais possibilidades e de melhores oportunidades.

Passam estes a depender, não raras vezes, da caridade da comunidade em que estão inseridos e/ou do próprio Estado através de programas sociais assistencialistas que amenizam, mas não resolvem os problemas. Diante disso, as pessoas anseiam na busca por novos espaços que não raro, as excluem cada vez mais. Pergunta-se, então, o que extraímos de todas as discussões nas últimas décadas sobre a paz entre os povos, a sustentabilidade do planeta, o respeito às diferenças sociais e culturais, a educação como direito de todos, e tantos outros temas relevantes acerca da humanidade?

Poderíamos caracterizar o que se discute e o que se cumpre efetivamente através das nossas ações. Mas "essa constatação não deve levar os países em desenvolvimento a negligenciar as forças motrizes clássicas de crescimento, e em particular, o indispensável acesso ao universo da ciência e tecnologia" necessárias para a adaptação da nova maneira de pensar (UNESCO, 2010, p. 7). Assim, se a globalização e as tecnologias aproximam uns, também afastam outros das possibilidades de acesso e usufruto dos bens produzidos, das oportunidades de trabalho e renda e, principalmente, ao acesso à educação de qualidade. Os mais diversos desafios gerados pela configuração socio-

econômica vigente fazem-nos pensar e repensar o papel da educação e, consequentemente, do educador, como prioridade a ser assumida e como meio para o desenvolvimento pleno do ser humano.

Eis o desafio dos professores hoje: nossas escolas necessitam de novos paradigmas frente à globalização e ao avanço tecnológico em todos os setores da sociedade. A prática tradicional não tem mais lugar no momento presente. Porém, nossas escolas ainda carecem de tecnologias de ponta para atender as expectativas e demandas que a atualidade requer. Os professores, especialmente das escolas públicas, têm que trabalhar com um pé no passado e outro no futuro para poderem, aos poucos, superar atrasos e defasagens e promover a existência de condições adequadas para preparar os alunos diante dos desafios que a contemporaneidade nos impõe. Os sistemas educacionais ainda não conseguiram avaliar suficientemente o impacto da comunicação audiovisual e da informática, seja para informar, seja para bitolar ou controlar as mentes.

Ainda trabalha-se muito com recursos tradicionais que não têm apelo para as crianças e jovens. Os que defendem a informatização da educação sustentam que é preciso mudar profundamente os métodos de ensino para reservar ao cérebro humano o que lhe é peculiar, a capacidade de pensar, em vez de desenvolver a memória. Para ele, a função da escola será, cada vez mais, a de ensinar a pensar criticamente. Para isso é preciso dominar mais metodologias e linguagens [...] (GADOTTI, 2000, p. 5).

Os sistemas educacionais não podem prescindir das ferramentas que movem a vida pessoal e profissional das pessoas. Uma educação com olhares voltados para as diversas configurações que se apresentam, sejam elas sociais, culturais, econômicas, tecnológicas ou de conhecimento, deverá fazer uso responsável das novas tecnologias. Com tanto conhecimento científico produzido e disponível online, a Escola não pode viver da saliva do professor e no sistema de xerox para os alunos. Mas não podemos esquecer a necessidade da formação continuada dos professores, a valorização profissional e nem tampouco que os alunos são seres pensantes e não máquinas.

No entanto a educação, e mais especificamente a escola pública, está à mercê de políticas e de investimentos por parte do Estado o que a deixa atrelada e dependente das decisões governamentais. Essas decisões nem sempre coincidem com o que os professores necessitam efetivamente para desempenhar o papel no sentido de viabilizar uma educação transformadora.

MÚLTIPLOS OLHARES

Problemas diversos e com família grande estão permanentemente de plantão. Como permitir aos alunos o desenvolvimento de suas capacidades para enfrentar as demandas do mercado de trabalho, e, ao mesmo tempo incutir-lhes a necessidade de serem altruístas em relação aos seus iguais? Como fazê-los entender que podem manter suas tradições, crenças e referências apesar dos mecanismos sutis engendrados pelo mundo do capital.

Uma alternativa viável: trabalhar o conhecimento técnico e o conhecimento científico tendo consciência de que o autoconhecimento e o desenvolvimento de capacidades e apropriação de valores permitirão ao aluno ser um cidadão produtivo e reflexivo, partícipe na construção de uma sociedade melhor. Saber comunicar-se, desenvolver relacionamentos interpessoais e conviver com a diversidade, construindo o verdadeiro sentido da vida. Somos levados, portanto, a revalorizar as dimensões ética e cultural da educação e, nesse sentido, a fornecer os recursos para que cada um venha a compreender o outro em sua especificidade, além de compreender o mundo em sua busca caótica de certa unidade; mas, previamente, convém começar pela compreensão de si mesmo em uma espécie de viagem interior, permeada pela aquisição de conhecimentos, pela meditação e pelo exercício da autocrítica. (UNESCO, 2010, p. 10).

O professor bem preparado, ético, reflexivo e responsável incorpora as mudanças necessárias, evoluindo na busca de sua autonomia em sala de aula, exercendo suas atribuições sempre com o intuito de auxiliar no aprimoramento da prática educativa. Na Conferência Mundial de Educação para To-

dos realizada na Tailândia em 1990 (UNESCO, 2010, p. 13-14-31), estabeleceram-se quatro pilares da educação para o desenvolvimento educacional dos países signatários. Esses pilares são:

Aprender a conhecer: as alterações do progresso científico e das atividades econômicas e sociais demanda uma ampla cultura geral possibilitando as bases para uma educação permanente.

Aprender a fazer: Adquirir a competência para enfrentar as mais variadas situações, promover o trabalho em equipe como competência enriquecedora nas atividades profissionais e sociais.

Aprender a viver com os outros: Compreender o outro como parte integrante da sociedade e a existência da interdependência numa sociedade plural que exige respeito mútuo para a promoção da paz.

Aprender a ser: perceber a autonomia como a responsabilidade de desenvolver sua faculdade de perceber a si mesmo, e, aproveitar os talentos que existem em cada ser humano como finalidade na educação coletiva.

Analisando o relatório publicado pela UNESCO percebe-se a preocupação, a amplitude de seus objetivos e o foco nas necessidades que vão muito além da simples transmissão de conhecimentos.

COMPETÊNCIAS E HABILIDADES: UMA POSSIBILIDADE OU UMA UTOPIA?

Durante muito tempo nada se pretendia do professor além de dominar seus saberes inerentes e restritos a sua disciplina. Hoje, os saberes se vulgarizaram. A mídia, graças às novas tecnologias, nos permite informações instantâneas.

Embora consideradas como conhecimento, porém, muito das informações são apenas senso comum. Isso não significa que o professor não possa valer-se dessas informações. Pelo contrário, deve utilizá-las como meio de introduzir o conhecimento acerca do assunto, haja vista que é o que o aluno normalmente traz de seu meio.

O uso dessas informações como elemento inicial permitirá ao professor refletir, mediar e introduzir criticamente o conhecimento científico, interagindo e oportunizando ao aluno um aprendizado significativo.

Portanto, cabe ao professor assumir de vez o novo papel de sua função, haja vista que o aluno do século XXI é filho de um tempo de globalização, de tecnologias e da internet e que precisa superar os insucessos, as desigualdades e usufruir o que é socialmente construído e oferecido e que lhe é de direito. "Trata-se de uma criatura holística, dotada de um poder criativo incomensuravelmente amplo, pronta para ser estimulada por uma nova escola, a espera de um professor que compreenda a plenitude de sua diversidade" (ANTUNES, 2001, p. 10).

Assim, a criatividade latente em cada aluno depende muito do estímulo do professor para se manifestar em sua diversidade e potencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de realizar considerações para este trabalho, buscamos Freire (1996, p. 16) ao nos afirmar que "o professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do 'faça o que mando e não o que eu faço.

Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo". Diante dessas palavras, percebemos que o professor precisa ensinar com sua alma, com seu exemplo. O que fazer para que aconteça uma grande mudança pedagógica?

Quando discorremos neste trabalho o tema competência e habilidade, pretendemos nos apropriar deste conceito e discutir sobre as dificuldades de muitos professores que ainda acreditam nos seus "modelos tradicionais". Procuramos resgatar algumas legislações que cercam este cenário educacional e levantar algumas possibilidades da dificuldade desta implementação, deste "novo jeito de ensinar".

O professor precisa enriquecer sua prática docente, conhecer outros caminhos, ir além de suas "paredes". Quando falamos de en-

sinar por competência também falamos em ser competente. Ser competente envolve utilizar de muitas habilidades para dar aula, mobilizar saberes, elencar situações, envolver o aluno, mudar estratégias, ampliar conceitos e conhecimentos. Uma educação por competências não estaria voltando às costas aos conteúdos, ao contrário, estaria dentro de uma prática social, enraizada de saberes contextualizados, onde o aluno estaria utilizando seu conhecimento no dia a dia. Há a necessidade de uma mudança frente ao mundo contemporâneo em que nos 14 encontramos, pelos desafios que estamos vivenciando e pelos alunos que estamos modificando. Para Freire:

" Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos, como problema. Descobrem que pouco sabem de si, e se inquietam em saber mais. Estará, alias, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao instalar-se na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a ele mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas o levam a novas perguntas (FREIRE, p.16, 1998). "

A humanidade vem desenvolvendo no início do século XXI, significativos avanços tecnológicos e teóricos em várias áreas do conhecimento, entretanto, nem sempre a escola consegue acompanhar, na sua prática, a velocidade das transformações, dada a complexidade de seu papel. Portanto, é inevitável, em uma época de globalização, o contato com as diferentes culturas, sem dúvida, cabe à escola um lugar de destaque na formação das próximas gerações, responsáveis pela construção do planeta.

Esse é o grande desafio do qual somos "convocados" ou convidados a participar desta inquietude na descoberta do não saber e que por isso precisamos reaprender as novas exigências da atualidade, repensar nossa prática docente e refazer nossos caminhos diante de tantas mudanças.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. Como desenvolver competências em sala de aula. Ed. Vozes. Petrópolis, 2001.

ANTUNES, Celso. Trabalhando Habilidades: construindo ideias. São Paulo: Scipione, 2001.

ASTOLFI, J.P., DEVELAY, M. (1991). A Didática das Ciências. Campinas: Papirus. 2. ed. 1991.

BRASIL (2000). Documento Básico – ENEM. Brasília: Imprensa Oficial. BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: Acesso em: 30 de jan.2017

BRASIL, Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): fundamentação teórico-metodológica. Brasília: MEC/INEP, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: novo ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 1999.

BRASIL. Resolução CNE/CP n.1, de 18/2/2002 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores na educação básica. 2002. Disponível em: Acesso em: 30 jan. 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

MEIER, Marcos e GARCIA, Sandra. Mediação da Aprendizagem: Contribuições de Feuerstein e de Vygotsky. Curitiba: Edição do autor, 2007.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. São Paulo em Perspectiva, 2000. Disponível em: . Acesso em 10 junho. 2017.

PERRENOUD, Philippe. Construir competências desde a escola; trad. Bruno Charles Magne. – Porto Alegre: Artmed, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: uma introdução ao currículo; 2º ed. 9ª impressão. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.